

Coleção Aventuras Grandiosas

Daniel Defoe

AS AVENTURAS DE ROBINSON CRUSOÉ

Adaptação de Rodrigo Espinosa Cabral

3ª edição

 EDITORA
RIDEEL

Capítulo 1

MARINHEIRO DE PRIMEIRA VIAGEM

Quando nasci na cidade de Iorque, Inglaterra, em 1632, fui registrado como Robinson Kreutznaer. Porém, à medida que crescia, meus amigos foram me chamando de Robinson Crusoé, já que o sobrenome alemão Kreutznaer era de difícil pronúncia para eles. Meu pai tinha nascido na Alemanha, em Bremen, mas imigrara para Inglaterra, onde fez uma pequena fortuna como comerciante na cidade de Hull. Quando reuniu dinheiro suficiente, decidi se aposentar e foi morar em Iorque, onde conheceu minha mãe.

Antes de mim, eles tiveram dois filhos. O mais velho seguiu carreira militar e foi morto por soldados espanhóis na França. Depois disso, meu outro irmão saiu de casa e nunca mais voltou, sumindo sem dar notícias. Como caçula da família, eu não poderia me perder no mundo como os dois outros filhos. Meu pai planejava para mim uma carreira como advogado ou juiz. Minha mãe me via casado com uma bela donzela da sociedade. Queria que eu tivesse uma vida tranquila e segura, morando perto deles, sem passar por **REVESES** financeiros, sem experimentar problemas amorosos e, principalmente, sem me afastar para ficar **À MERCÊ** dos perigos do mundo.

Embora entendesse as preocupações de meus pais, não aceitava o futuro que eles tinham planejado para mim. Pensava que aquela era a minha vida e, por isso, eu deveria fazer as minhas coisas e tomar as minhas próprias decisões. Sempre fui fascinado pelo mar. Meu coração pulsava mais forte quando lia livros sobre velhos marujos e, aos 18 anos, meu corpo inteiro ansiava por aventura. Precisava conhecer o mundo. Não via a hora de sair de casa.

— Você está maluco? Não, não e não. Nem pensar! Meu filho mais novo querendo se aventurar pelo mundo? Jamais! — dizia meu pai.

— Mas pai, eu prometo me cuidar. Já tenho 18 anos, posso seguir meu próprio caminho.

— Filho, não discuta. Você não tem meu **CONSENTIMENTO** para viajar pelo mundo em busca de aventuras. Eu quero que você seja advogado!

Ao dizer isso, meu pai engasgou a voz e, com os olhos cheios de lágrimas, saiu do quarto. Por vê-lo triste, tentei seguir seu conselho. Fiquei um tempo em casa, sem pensar no mar.

Fui vivendo minha vida. Se, por um lado, eu havia feito a vontade de meu pai, não indo em busca de aventuras, por outro, não saía do quarto e me

- 📖 **REVÉS:** desgraça, insucesso
- 📖 **À MERCÊ:** sob a dependência
- 📖 **CONSENTIMENTO:** permissão, licença



recusava a procurar emprego ou a me matricular na escola de Direito. Essa rotina só foi interrompida quando fomos visitar a cidade de Hull. Aquela pequena viagem mexeu comigo — o destino se encarregaria do restante.

Em Hull, encontrei um amigo que me convidou a embarcar com ele para Londres no navio de seu pai. Eu seria um marujo deles, não ganharia salário, mas, em troca, receberia alimentação e aprenderia o ofício de marinheiro. Sem ter avisado meus pais, aceitei a proposta e comecei a realizar meu sonho.

Tinha 19 anos de idade e estava descobrindo um novo mundo. Ia cumprindo com felicidade minha primeira tarefa: lavar o **CONVÉS** do barco. Os velhos marujos riam da minha inexperiência, mas eu estava muito contente para me preocupar com eles.

O sol apareceu radiante nos dias seguintes e o vento soprou **DE TRAVÉS**, inflando nossas velas e impulsionando-nos com boa velocidade. Eu acordava cedo para **CONTEMPLAR** o espetáculo que era o nascer do sol. No fim do dia, cansado do trabalho, gostava de ver a bolota vermelha do sol mergulhar no mar. À noite eu bebia rum com os velhos marujos e ia, ao sabor de minhas novas amizades, esquecendo-me da promessa ao meu pai.

Nesse ritmo, nossa embarcação chegou ao porto de Yarmouth, onde ficamos ancorados à espera de um vento forte o suficiente para fazer-nos vencer a correnteza do rio Tâmisa e chegar a Londres. Esse vento demorou sete dias, mas quando surgiu, veio enérgico e nosso barco começou a se mover rio acima com rapidez. Algumas horas depois, aquele vento se transformou numa forte tempestade que inclinou nosso navio a **BOMBORDO**. Eu estava trancado em minha cabina com o medo a me fazer companhia. Quando a tempestade inclinou o barco, cadeiras, mesas, livros, garrafas, barris e bugigangas em geral foram ao chão, copos se quebraram e eu fui jogado no assoalho. Quando tentava me levantar, vi a janelinha da minha cabina coberta pela água. Precisava ir ao convés.

O navio navegou inclinado por um minuto ou dois e, quando começava a voltar à sua posição normal, foi colhido por uma nova rajada de vento. Desta vez, ele pendeu tanto para esquerda que, além da lateral, parte do convés também entrou na água. Uma enxurrada invadiu o porão do navio, deixou-o pesado, levando-o lentamente para baixo. Com dificuldade, desviando de ratos, objetos espalhados pelo chão e da água que entrava por todos os lados, cheguei ao convés. Tivemos a sorte de ser socorridos por um pequeno barco que passou por ali algumas horas depois. Fomos recolhidos por um bote salva-

- 📖 **CONVÉS:** piso da embarcação
- 📖 **DE TRAVÉS:** de lado, na diagonal
- 📖 **CONTEMPLAR:** observar com atenção
- 📖 **BOMBORDO:** lado esquerdo de um navio; o lado do coração



-vidas que nos levou até a margem do largo Tâmisia. Nosso navio terminou de afundar horas depois.

Chegamos à cidade de Winterton Ness na condição de náufragos. O prefeito nos deu comida, teto e dinheiro para que seguíssemos viagem. Por um lado, queria voltar para lorque, afinal já havia tido boas aventuras. Mas, por vergonha de meus pais, e já prevendo o falatório dos vizinhos sobre meu fracasso, decidi terminar a viagem indo até Londres pela velha e firme terra.

Capítulo 2 PIRATAS A ESTIBORDO!

Perambulei alguns dias por Londres, até que fui ao porto, onde encontrei meu amigo e seu pai, o capitão do barco naufragado. Estava preparando uma nova viagem, mas não quis me levar com ele.

— Nunca mais me procure de novo — disse, irritado —, você é muito azarado. Nunca mais vou pisar num barco com você! Você atrai maus ventos!

Ao dizer aquelas bobagens, o capitão se foi. “Só me faltava essa”, pensei. Depois de ser um náufrago, de estar sem dinheiro e sem casa, não tendo onde ficar em Londres, agora eu era culpado pelo naufrágio do navio. Saí caminhando pelo porto com alguma tristeza. Se tivesse ouvido os conselhos de meu pai, a esta hora estaria estudando, com a barriga cheia e vestindo roupas limpas. Meus pensamentos infelizes foram interrompidos quando vi um homem enfrentando muita dificuldade para **IÇAR** um caixote com uma corda.

— O senhor quer ajuda? — perguntei.

Ao ouvir minha pergunta, o homem se distraiu e a caixa, que estava suspensa no ar, a cerca de um metro do chão, desceu um pouco. Ele ficou irritado com isso e **FORCEJOU** mais para tentar erguê-la. Vendo que o homem não conseguiria, aproximei-me e puxei a corda com ele. A caixa subiu facilmente e um outro homem a acomodou no convés do barco, que estava **ATRACADO** à beira do cais.

— Eu conseguiria sozinho, garoto! — disse, orgulhoso. — Mas gostei de sua boa vontade. Dou-lhe uma moeda se carregar todas essas caixas.

Olhei para uma imensa pilha de pesadas caixas de madeira e falei:

— Certo! Não estou fazendo nada mesmo. Pode contar comigo. Meu nome é Robinson Crusóe — o homem sorriu e, estendendo a mão, falou:

-  **IÇAR**: levantar, suspender
-  **FORCEJOU**: esforçou-se, empenhou-se
-  **ATRACADO**: amarrado à terra, encostado



— Sou Jack, o capitão deste barco.

Terminei minha tarefa ao anoitecer, e um dos marujos me disse que Jack queria falar comigo. A bordo, o capitão me pagou a moeda prometida, ofereceu-me um jantar simples, mas nutritivo, e disse que eu poderia ganhar umas 300 **LIBRAS** se fosse com ele para a Guiné, no litoral africano.

Aceitei sua proposta. Partiríamos em dois dias. Nossa primeira viagem foi um sucesso; o barco era seguro. De volta a Londres, consegui as 300 libras prometidas.

Ao contrário da primeira ida à África, a segunda viagem foi um **CAOS**. Logo depois de deixarmos o Reino Unido, quando passávamos pelas Ilhas Canárias, notamos a presença de um navio estranho no horizonte. O capitão mandou um marujo subir no mastro do navio e este, munido de uma potente luneta, gritou lá do alto:

— Piratas! Piratas a **ESTIBORDO**. Estamos sendo seguidos por um navio pirata!

Assim que ouvimos o aviso, fizemos de tudo para dar velocidade ao barco, mas o navio pirata se aproximava cada vez mais. Quando chegaram junto de nós, os bandidos abriram fogo. O barco tremia a cada disparo. Após a troca de tiros, eles se aproximaram. Assim, vimos mais de 60 piratas **ABORDAR** nosso navio. Éramos apenas 18 e logo fomos dominados. Quando os piratas mataram dois dos nossos, além do capitão, decidimos nos render.

Capítulo 3

ESCRavidÃO

Fomos aprisionados no porão do navio deles e navegamos por cinco dias até chegar a Salé, na região do Marrocos. Meus colegas foram levados ao campo, para trabalhar como escravos nas plantações. Eu, por ser jovem, ágil, forte, fui designado a servir de escravo pessoal do chefe dos piratas **MOUROS**.

Passsei mais de dois anos sob o domínio dos piratas, e gostaria de não falar muito sobre esse período de sofrimento. Dos afazeres como escravo, gosto apenas de me lembrar dos momentos em que recebia ordens para remar. Meu senhor pescava uma vez por semana na costa do Marrocos e levava Xury, um

-  **LIBRA:** unidade monetária utilizada na Inglaterra
-  **CAOS:** grande confusão
-  **ESTIBORDO:** o lado direito de um navio
-  **ABORDAR:** abalroar, tomar uma embarcação de assalto
-  **MOURO:** sarraceno; habitante do norte da África





jovem turco, e eu para remar. Eu sempre pensava que essas pescarias eram a minha melhor chance de fuga, pois era mais fácil escapar me livrando de apenas dois homens pelo mar (meio onde eu saberia sobreviver) do que por terra, onde teria de enfrentar uma região desconhecida e um verdadeiro exército.

Minha sorte começou a mudar quando meu senhor equipou o pequeno barco de pesca com suprimentos de água, bússola, lona e uma vela para aumentar-lhe a velocidade. Ele resolveu fazer tais mudanças para dar mais segurança e conforto ao barco, pois certa vez um nevoeiro nos afastou da costa e passamos dois dias **À DERIVA** e sem **PROVISÕES**. Com o tempo, escondi armas e munições no barco. Minha grande chance surgiu quando meu senhor recebeu visitantes ilustres e exigiu de Xury e de um outro jovem que pescassem peixes grandes para a ceia das celebridades.

Xury era uma boa pessoa e me tratava bem, afinal fazia uns dois anos que trabalhávamos juntos, e ele não notava em mim o desejo de fugir. Assim que passamos com alguma dificuldade a parte agitada do mar, Xury ergueu os braços para comemorar com uma sonora gargalhada. Aproveitei sua distração, saquei uma arma que havia escondido perto de mim e mirei o coração do turco. Seu companheiro tentou reagir e atirei para cima. Ele se assustou, caiu fora do barco, debateu-se, engoliu água e acabou afundando no mar.

— Xury, se você me jurar obediência e lealdade total, eu deixo você ficar no barco. Caso contrário, jogo você no mar. Como você nada muito mal, certamente morrerá. O que você me diz?

Eu poderia ter matado Xury para minha segurança e para me vingar dos anos de escravidão, mas tinha consciência de que precisaria dele para me afastar o máximo possível da costa do Marrocos. Xury decidiu ficar do meu lado e não causou problemas, tornando-se um aliado, uma vez que lutávamos juntos pela sobrevivência.

Seguimos uma corrente rumo ao sul. Meu plano era atingir, dentro de alguns dias, o rio Gâmbia, ou o Senegal. Tinha a esperança de ser resgatado por algum barco europeu que comercializava escravos negros naquela região.

Alguns dias se passaram. Dias de aventuras, em que tivemos que navegar muito, caçar, fugir de nativos e coletar água em regiões perigosas. Nossa angústia só terminou quando avistei um navio no horizonte. Disparei ao céu algumas vezes e, para nossa alegria, eles dispararam de volta. Navegamos até eles e, algum tempo depois, descobrimos que era um navio negreiro de bandeira portuguesa. Eles ouviram um tiro e resolveram parar para nos socorrer.



À DERIVA: sem rumo, perdido



PROVISÃO: abastecimento, suprimento

Capítulo 4

CRUSOÉ NO BRASIL

O capitão do barco nos acolheu bem. Ficou impressionado com minha história e, para ajudar, comprou meu bote e seus acessórios, e Xury.

Concordei imediatamente com sua oferta. Na época, via Xury como uma mercadoria e, além disso, eu havia sofrido dois anos como escravo de seu povo. Por isso o vendi ao português. Chegando ao Brasil, o capitão me apresentou a alguns amigos e, por **INTERMÉDIO** deles, obtive autorização da Coroa Portuguesa para morar na sua maior colônia. Com o dinheiro obtido do capitão, tornei-me sócio de uma plantação de cana-de-açúcar. Comprei um escravo e contratei dois ajudantes.

Como as finanças iam bem, fui ficando no Brasil. Minha fazenda crescia, tinha vários escravos, uma casa confortável e uma vida estável. Ao todo, fiquei quatro anos no litoral do Nordeste brasileiro. Mas alguma coisa sempre me incomodava. Toda vez que saía da plantação e ia à cidade, olhava o mar e sentia um grande desejo de voltar a navegar. Em certas noites de lua cheia, chegava a fazer planos de montar uma tripulação, de comprar um navio, mas, durante o dia, na **LIDA** agrária, esses sonhos se **EVAPORAVAM** sob o forte sol nordestino.

Meu tormento chegou ao fim quando três agricultores me procuraram. Tinham uma proposta: eles montariam um navio negreiro com toda a **INFRAESTRUTURA** necessária para caçar negros na África. Eu, por ser marinheiro e conhecer a costa africana, teria direito a uma parte igual dos lucros sem precisar investir nenhum dinheiro. Entraria no **CONSÓRCIO** apenas prestando meus serviços de marinheiro e aplicando meus conhecimentos de náufrago na costa africana.

Refleti durante uma semana e, incentivado por meus sócios da fazenda, decidi juntar-me a eles. Meu plano era fazer aquela viagem, matar a saudade do mar e ganhar um bom dinheiro, já que a escravidão era uma das atividades mais **RENTÁVEIS** nas terras brasileiras. Antes de partir, fiz meu testamento e nomeei meu herdeiro o capitão português que me salvara quatro anos antes. Parecia-me justo que o sujeito que havia salvado minha vida ficasse com meus lucros após meu possível falecimento.

- 📖 **INTERMÉDIO:** intervenção, mediação
- 📖 **LIDA:** trabalho com esforço
- 📖 **EVAPORAVAM:** desapareciam
- 📖 **INFRAESTRUTURA:** base material ou econômica
- 📖 **CONSÓRCIO:** associação, união
- 📖 **RENTÁVEL:** lucrativo



Capítulo 5

A VIAGEM

Partimos de Salvador no dia primeiro de setembro de 1659, exatos oito anos após eu ter saído da casa de meus pais na Inglaterra. O começo da viagem foi tranquilo; bons ventos e um clima quente e agradável **IMPULSIONAVAM** nosso barco, que pesava umas 120 toneladas, e uma tripulação de 17 homens. Nos primeiros dez dias navegamos para o norte, ao longo da costa brasileira. Depois tomamos uma rota mais ao nordeste e, no décimo segundo dia, passamos pelo arquipélago de Fernando de Noronha. No décimo terceiro dia, fomos surpreendidos por um furacão monstruoso que balançava nossa embarcação, fazendo-a ranger de modo assustador. Devido ao rigor das tempestades e sua longa duração (12 dias), descobrimos que nosso navio tinha vários problemas em sua estrutura. Era, na verdade, um navio velho, comprado por um fazendeiro que nada entendia do mar. Era questão de tempo até o mar invadi-lo em definitivo.

Para piorar nossa situação, estávamos perdidos, fora da rota estabelecida, e o tempo nublado não nos deixava guiar o barco pelas estrelas ou pelo sol. Rumaríamos na esperança de encontrar alguma ilha do Caribe ou a costa dos Estados Unidos, onde poderíamos consertar o navio. Mas esses planos foram por água abaixo quando uma nova tempestade nos abateu e empurrou nosso barco para fora de qualquer rota de comércio conhecida.

E o sacolejo do nosso velho navio não me deixava em paz. Eu havia passado quatro anos como fazendeiro de cana-de-açúcar e me esquecera dos riscos de se desafiar o mar em pequenos barcos **SUCATEADOS**. Além disso, chovia muito, e os fortes ventos tropicais arrancavam sons **HISTÉRICOS** do navio que, com seu constante creeeek, creeeek, forcejava contra as ondas.

Um dia, antes de anoitecer, o **IMEDIATO** avistou, por entre a chuva que caía, o que julgava ser uma porção de terra ao longe. Quando a noite caiu, o mar passou a balançar muito e o casco começou lentamente a encher-se d'água. Tínhamos muito medo em nossas bocas salgadas e, sob ordens do capitão, entramos no bote. Tentaríamos remar para longe do navio, antes que ele afundasse e nos levasse junto. Ao amanhecer, tentaríamos achar o pedaço de terra que o imediato julgava ter visto.

Remávamos em silêncio e desespero. Eu imaginava nosso navio afundando com rapidez. Dentro dele, nossas riquezas e esperanças. Pensava no

-  **IMPULSIONAVAM:** davam impulso
-  **SUCATEADO:** transformado em sucata, velharia
-  **HISTÉRICO:** irritante
-  **IMEDIATO:** oficial de um navio



porão vazio sendo invadido pela água. Restou para nós uma enorme sensação de vazio que ia do nosso pequeno bote até o vasto horizonte, onde a noite engolia tudo. Na escuridão, remamos sem rumo, sempre quietos e tristes, sempre com o mar agitado e a chuva coçando nossa cara. Até que Vicente, o imediato, furando nosso silêncio, conseguiu fazer com que algumas palavras atravessassem sua barba salgada:

— Estamos **DANADOS!**

Foi a última coisa que escutei naquela noite. Logo ouvimos uma onda maior se aproximando a bombordo, engolindo-nos numa golfada só. Nosso bote rolou algumas vezes e foi ao fundo. Mesmo sendo um **EXÍMIO** nadador, eu estava apavorado. Não enxergava quase nada e lutava para manter o rosto à tona.

Depois de cerca de uma hora nadando com dificuldade, notei que as ondas começavam a ter o mesmo sentido. Certamente eu estava perto da costa, mas tinha medo de que, em vez de areia, rochas me esperassem na praia. Meus pés tocaram o fundo arenoso da praia. “Chão, que palavra linda”, pensei, **EXTASIADO**. Chão! Pisei nele e corri o mais rápido que pude. No meu desespero, fui atacado por outra onda e levei um **CALDO**. O mar parecia não querer me libertar. Fui ao fundo, onde a corrente marítima me arrastou e esfouhou por alguns metros. Engoli grande quantidade de água salgada, mas voltei à superfície e fiquei de pé. A água me batia na cintura e comecei a chorar de emoção. Cada passo era uma vitória. Quando cheguei à areia, decidi subir num pequeno monte onde deitei.

Capítulo 6

NÁUFRAGO NUMA ILHA DESERTA

Acordei de modo **BRUSCO**. Abri os olhos e vi que tinha o rosto colado ao rochedo e o corpo afundado no capim. As pedras já estavam quentes e o sol já ia alto no céu. Deviam ser mais de dez horas da manhã. Minhas costas doíam. Por um segundo ou dois, não soube que lugar era aquele ou o que eu fazia ali deitado, mas minha boca salgada logo me fez lembrar da horrível noite anterior.

Levantei e olhei em volta. Estava numa praia. Não fosse minha situação de miséria, diria que era uma praia linda. O dia de sol forte e céu limpo em

-  **DANADO:** amaldiçoado, condenado, arruinado
-  **EXÍMIO:** excelente
-  **EXTASIADO:** pasmado, entorpecido, atônito
-  **CALDO:** mergulho forçado
-  **BRUSCO:** repentino, inesperado





nada lembrava as dificuldades da tempestade que nos fez abandonar o navio. Olhei para o mar e que surpresa! Preso num banco de areia, reconheci nossa embarcação a uns 150 metros da praia. Procurei meus companheiros, gritei o nome deles de uma ponta a outra da faixa de areia, que se estendia até um **COSTÃO** montanhoso, mas não houve resposta. Concluí que estavam mortos, que jaziam frios no fundo do mar. Pensei que, se tivéssemos permanecido no barco, eles poderiam estar vivos.

Gritei por socorro. Pedi ajuda. Mas só ouvia o som do mar estourando nas pedras à minha esquerda e à minha direita, nos cantos da praia. Enquanto procurava possíveis sobreviventes, descobri na ponta sul da praia um pequeno riacho. Pude matar minha sede e me lavar nele. Ao colocar as mãos nos bolsos, percebi que tinha apenas uma faca.

Após o banho de água doce me senti mais leve e resolvi entrar na mata. Comi algumas bananas que achei e, ao encontrar uma árvore alta e grande, decidi que dormiria num de seus grandes galhos, pois temia a existência de animais selvagens ou de cobras naquela região desconhecida. Ao pôr do sol, meu cansaço veio como uma anestesia e passei a noite na árvore.

Acordei ao amanhecer e, após comer bananas, resolvi nadar até o navio, aproveitando a calmaria do mar naquele dia. Chegando lá, consegui escalar sua **POPA**. Imediatamente o cachorro de um dos marujos saltou em mim; achei que ele ia atacar, mas começou a me lamber:

— Pare com isso, Golias! Cuidou bem do navio?

Ele não respondeu, mas continuou abanando sua cauda. De pé, no convés, olhei para a praia e percebi que devia se tratar de uma pequena ilha, com no máximo cinco quilômetros de largura. Havia um monte mais para o fundo da ilha; resolvi que deveria escalá-lo para ter uma ideia mais exata do que me cercava.

Vasculhei o **DEQUE** e logo percebi que parte do casco estava arrombada. Impulsionado pelas fortes ondas e pelo vento durante a tempestade, o navio rumara desgovernado em direção à **ORLA**, até colidir com um **RECIFE**, que arrebentou seu fundo. Parte da **PROA** estava submersa, mas a rocha que o perfurara curiosamente o mantinha parcialmente à tona. Dessa forma, pude **IMPROVISAR** uma jangada com **DESTROÇOS** do próprio navio.

- 🐞 **COSTÃO:** orla marítima sem praia, apenas de rochas
- 🐞 **POPA:** parte traseira de um navio
- 🐞 **DEQUE:** convés de navio
- 🐞 **ORLA:** beira, margem
- 🐞 **RECIFE:** rochedo submerso próximo à costa
- 🐞 **PROA:** a frente de uma embarcação
- 🐞 **IMPROVISAR:** fazer sem o material adequado
- 🐞 **DESTROÇO:** pedaço, ruína

Amarrei bem essas madeiras e sobre elas dispus três caixotes. Num deles coloquei provisões de pães, arroz, farinha, queijos, vinhos e rum, da cozinha do navio. No segundo, reuni vários armamentos que encontrei a bordo, bem como dois pequenos barris de pólvora que ainda estavam secos. Havia um terceiro que não peguei por estar molhado. No terceiro caixote, coloquei ferramentas diversas e dois gatos que estavam no porão. Subi na jangada e Golias me seguiu com um salto certo sobre o mar. Ele nadou o tempo todo ao lado da jangada.

O caminho de volta me tomou três horas e meia, pois a maré começa a subir e minha jangada improvisada sofria com o peso da carga. Resolvi aportar no pequeno rio ao sul da praia, pois a **ENSEADA** era mais calma lá. Descarreguei os produtos e, munido de uma **GARRUCHA**, fiz outra pequena expedição pela mata até a árvore que me servia de **LEITO**.

Acordei bem cedo. Precisava explorar mais o local, saber se era realmente deserto, certificar-me de não estar na companhia de selvagens. Pensei em subir aquele monte mais alto, para ter uma ideia da geografia da ilha. Porém, olhando o navio, decidi fazer outra viagem até ele para conseguir mais suprimentos, afinal, como estava parcialmente **ENCALHADO**, poderia se soltar e **IR A PIQUE** na primeira chuva forte que aparecesse.

E assim fiz muitos carregamentos. Nadava até o navio encalhado e lá montava uma jangada (assim, poderia trazer mais madeiras para a terra). Na jangada ia colocando uma série de verdadeiros tesouros para um náufrago: facas, garfos, colheres, um machado, pregos, martelos, cordas, velas, mosquetes e espingardas, munição, roupas, colchões, cachaça brasileira, açúcar e farinha. Ao todo, em 30 dias, fiz 12 viagens aos destroços do navio. No último carregamento descobri um baú com moedas inglesas, espanholas e portuguesas. Pena que eu não pudesse comprar nada com aquilo. “Como o dinheiro é inútil”, pensei. Estava **PRESTES A** jogar tudo no mar, quando olhei para o monte que eu queria escalar e pensei que, quando eu voltasse à civilização, aquelas moedas seriam muito úteis.

Naquela mesma noite, uma tempestade levou os restos do navio. Quando amanheceu e não vi o barco, uma solidão maior se abateu sobre mim. Tê-lo ali, mesmo encalhado, fazia-me lembrar-me da civilização e me dava esperanças de que ele pudesse ser avistado pela luneta de algum navio que passasse ao longe. Sem o barco, tratei de construir minha casa.

- 🔦 **ENSEADA:** pequena baía ou porto natural
- 🔦 **GARRUCHA:** arma que se carrega pelo cano
- 🔦 **LEITO:** acomodação; cama
- 🔦 **ENCALHADO:** parado numa parte rasa ou seca
- 🔦 **IR A PIQUE:** ir ao fundo
- 🔦 **PRESTES A:** em via de realizar alguma coisa





Escolhi um local alto, plano e de frente para o mar. Além da beleza, eu estava preocupado com a possibilidade de ver ou ser visto por um navio salvador, por isso resolvi me fixar na costa da ilha. Em seguida, fiz uma cerca alta e **PONTIAGUDA**, com estacas de madeira. Essa minha **PALIÇADA** era escorada por dentro e não tinha portão. Para entrar e sair dela, eu usava uma escada móvel. A paliçada tinha um formato semicircular e me protegeria de bichos e possíveis selvagens. Nos fundos da minha “propriedade”, uma sólida parede de rocha fazia a guarnição. Na rocha descobri uma gruta que aos poucos fui transformando em lar. Instalei prateleiras, montei minha cama, improvisei um fogão e, dessa forma, adquiri algum conforto e segurança.

Logo nos meus primeiros dias na ilha coloquei uma placa de madeira na praia com os dizeres: “Aqui nesta praia chegou, em 30 de setembro de 1659, o naufrago Robinson Crusóé”. Montei também um calendário rústico, mas eficiente para contar os dias da semana e manter o controle sobre o tempo que eu passaria na ilha.

Quando pensava na morte de meus amigos, logo me lembrava também de minha fazenda no Brasil, minhas aventuras na África e de minha infância e adolescência na Inglaterra. Tinha saudades dos meus pais. Tinha muita vontade de poder conversar com alguém. O **ISOLAMENTO** e a solidão eram meus maiores inimigos. Para vencê-los, eu conversava com o cachorro, sobrevivente do naufrágio, falava sozinho, cumprimentava as plantas e pensava em voz alta.

Quando minha pequena **FORTALEZA** já reunia condições reais de segurança e comodidade, resolvi caçar algum alimento digno de uma celebração. Passei sete horas nos bosques do interior da ilha. Durante a caçada, vi de longe o que me pareceu ser uma cabra selvagem, mas não consegui me aproximar. Depois encontrei um pequeno grupo de porcos do mato. Atirei e **ALVEJEI** um deles na orelha esquerda, e o assei enquanto o sol descia sobre o mar. Estava feliz naquele dia. Parecia que eu era um rei **CEANDO** em seu castelo. Por isso resolvi chamar minha casa de “O Castelo”.

E assim, com esses pequenos planos de **SUBSISTÊNCIA** diária, eu ia vivendo. Coletava frutos como bananas e laranjas, às vezes caçava e às vezes pescava para comer. Aos poucos fui aumentando minha fortaleza. Escavei a rocha da gruta e em seu interior montei um **PAIOL**, para dar mais proteção à

- 🔦 **PONTIAGUDA:** com ponta aguçada, pontuda
- 🔦 **PALIÇADA:** cerca de estacas fincadas no chão
- 🔦 **ISOLAMENTO:** estado de pessoa isolada, separada
- 🔦 **FORTALEZA:** fortificação, castelo
- 🔦 **ALVEJEI:** acertei
- 🔦 **CEANDO:** jantando
- 🔦 **SUBSISTÊNCIA:** sustento
- 🔦 **PAIOL:** depósito para armas e munições

carga de pólvora, e uma **DESPENSA** para os alimentos. Devo dizer que não foi uma tarefa muito fácil, mas eu tinha todo o tempo do mundo para executá-la e, após uns dois meses de escavação nas paredes laterais, a rocha amoleceu e ficou mais fácil cavar numa espécie de argila.

Minhas habilidades como caçador e pescador progrediam rapidamente e logo eu conseguia com facilidade manter um cardápio variado. No começo, quando tinha sede, bebia água da chuva em poças ou ia até o rio. Com o tempo, desenvolvi um sistema para coletar a água da chuva através de **CALHAS**, que produzi com folhas de bananeira trançadas. As calhas recolhiam água da chuva direto em baldes que eu usava para serviços domésticos e higiene pessoal. Para beber, eu usava o limpíssimo riacho da ilha e também espremia laranjas e limões para tomar suco.

Nesse ritmo, passei os primeiros seis meses entre a felicidade de estar lutando com todas as forças para viver com qualidade e a infelicidade de me sentir esquecido do mundo, prisioneiro do destino.

Capítulo 7 A CASA DE CAMPO

Daqueles tempos iniciais na ilha, dois fatos sempre me vêm à memória. O primeiro, muito triste, diz respeito à minha excursão ao monte mais alto. Resolvi explorá-lo logo após a “inauguração” de meu Castelo. Escolhi um dia de céu realmente muito azul, para que minha visão pudesse se propagar em distâncias maiores. Acordei cedo, reuni alimentos, munição, armas e vestimentas para passar alguns dias fora e parti em direção ao ponto **CULMINANTE** do meu reino. Com quatro horas de caminhada e esforço, cheguei ao topo da montanha, sempre olhando para os lados e me **PRECAVENDO** da presença de cobras. Lá em cima, girei 360° e vi o gigantesco mar circundando a ilha como um abraço **ASFIXIANTE**. Eu já sabia desde o começo que estava numa ilha, mas vê-la assim por inteiro me deixou triste. Não havia nenhum vestígio de presença humana nem de selvagens. Passei a noite no monte e no outro dia descí, mas não voltei diretamente para casa. Resolvi conhecer a costa do lado oposto ao que eu estava.

- 🕒 **DESPENSA:** cômodo da casa onde se guardam alimentos
- 🕒 **CALHA:** cano aberto na parte de cima
- 🕒 **CULMINANTE:** o mais elevado, mais alto
- 🕒 **PRECAVENDO:** prevendo, agindo com cuidado
- 🕒 **ASFIXIANTE:** sufocante





Cheguei até lá no final do dia, abrindo trilhas na mata, e percebi que era muito mais linda do que a praia onde eu tinha me instalado. De cima de um monte avistei duas pequenas manchas muito distantes no horizonte. Eram duas ilhas. Seriam habitadas? Por colonos espanhóis ou por selvagens violentos?

Pensei em construir um barco, mas primeiro tinha que dominar melhor as artes de **CARPINTEIRO** e **MARCENEIRO**. Voltei ao Castelo e segui minha vida. Um dia, estava cochilando após o almoço quando fui acordado por um barulho intenso. As coisas se mexiam sozinhas dentro da caverna e caía muita poeira do teto. Era um terremoto. Saí correndo do Castelo e olhei para a mata. As árvores chacoalhavam e o mar estava estranhamente agitado. Essa situação durou menos de um minuto, mas foi suficiente para me fazer querer mudar de residência.

No dia seguinte ao terremoto, decidi seguir rio acima para encontrar um local seguro para minha nova moradia. Subi uns quilômetros pela margem do riacho, até que ele se estreitou e virou um filete d'água. Segui pela mata e encontrei um vale maravilhoso. Enquanto voltava para meu Castelo, tive a ideia de construir uma “casa de campo” para **USUFRUIR** da beleza do vale, que descobri numa região de verde **EXUBERANTE**, no interior da ilha. Lá cresciam uvas silvestres e o local era mais **AREJADO**. Decidi que a casa de campo seria muito mais confortável do que o Castelo e essa ideia me animou muito.

Comecei a limpar uma área um pouco mais alta e a reunir madeira para iniciar a construção. Antes de “morar sozinho”, eu não tinha domínio sobre muitos **OFÍCIOS** que as dificuldades me **IMPELIRAM** a aprender. Por isso, minhas tarefas eram sempre demoradas. Se eu quisesse fazer um simples banco de madeira, por exemplo, teria que encontrar e cortar uma árvore que me parecesse apropriada. Depois teria que **APLAINÁ-LA**, mas sem possuir uma **PLAINA** grande. Meus móveis eram quase todos rústicos. Não havia como lixar nem polir os frutos da minha **CARPINTARIA**. Também não havia como pintá-los. Com **EXCEÇÃO** de alguns poucos móveis que herdei do navio, minha mobília

- 🐞 **CARPINTEIRO**: trabalhador que faz obras rudimentares com madeira
- 🐞 **MARCENEIRO**: artífice que trabalha a madeira de modo artístico
- 🐞 **USUFRUIR**: desfrutar
- 🐞 **EXUBERANTE**: vigoroso, vivo, abundante
- 🐞 **AREJADO**: ventilado
- 🐞 **OFÍCIO**: ocupação, trabalho
- 🐞 **IMPELIRAM**: impulsionaram
- 🐞 **APLAINÁ-LA**: alisá-la com a plaina
- 🐞 **PLAINA**: instrumento para alisar a madeira
- 🐞 **CARPINTARIA**: ofício do carpinteiro
- 🐞 **EXCEÇÃO**: aquilo que foge à regra

se resumia a cacos. “Por esse motivo é bom não receber visitas”, pensava com bom humor, “assim elas não **REPARARÃO** na **PRECARIEDADE** do meu Castelo.”

Quando terminei a limpeza do terreno, voltei ao Castelo para pegar ferramentas, pregos, provisões e dar início à construção da casa de campo. Assim que passei por cima da cerca pontiaguda e desci da escada, olhei para o mar e vi algo **ASSOMBROSO**: bem perto da praia, partido ao meio, estava o meu navio. Era fascinante revê-lo. Imediatamente corri para praia. A maré estava baixa e pude caminhar até ele. Não havia mais nada de útil lá dentro. Estava tudo cheio de lama, musgos e limo. Mas já que ele estava próximo da praia, resolvi desmontá-lo e levar sua madeira para terra. Levei mais de um mês fazendo isso e durante esse tempo cheguei à conclusão de que o terremoto tinha empurrado o navio em direção à praia, fazendo com que ele se quebrasse e viesse à tona. Utilizei suas madeiras para construir a casa de campo e alguns móveis.

Durante a construção da nova casa, fiz muitas **EXPEDIÇÕES** pela mata e descobri um tipo de pombo selvagem que tinha uma saborosa carne branca. Também encontrei mais cabras e as levei para um cercado ao lado da construção da casa de campo.

Como **PECUARISTA**, criava cabras e tirava seu leite. Do leite fazia um queijo **TOSCO**, mas de bom paladar. Quando **ABATIA** alguma para fazer churrasco, guardava seu couro para fazer tapetes, roupas e tendas. Com o passar dos anos, confeccionei roupas práticas com couro das cabras. Fiz um colete e uma bermuda de couro, que vestia sempre em conjunto com um chapéu e uma sombrinha do mesmo material. Tais **APETRECHOS** me protegiam do forte sol tropical da ilha e constituíam uma boa **CAMUFLAGEM** nas caçadas. Com o **SEBO** das cabras eu produzia uma espécie de lamparina para usar à noite. Em cerca de dois anos terminei a construção da casa de campo, uma verdadeira cabana rústica. Estava gostando da minha vida: meu rebanho de cabras crescia à medida que o tempo passava e novos desafios surgiam.

- 🐾 **REPARARÃO**: notarão
- 🐾 **PRECARIEDADE**: escassez, dificuldade
- 🐾 **ASSOMBROSO**: espantoso
- 🐾 **EXPEDIÇÃO**: viagem para explorar ou pesquisar uma região
- 🐾 **PECUARISTA**: pessoa que cria gado de corte
- 🐾 **TOSCO**: rude, grosseiro
- 🐾 **ABATIA**: matava
- 🐾 **APETRECHO**: objeto, acessório
- 🐾 **CAMUFLAGEM**: disfarce
- 🐾 **SEBO**: graxa encontrada em vísceras de animais



Capítulo 8

O FAZENDEIRO DO LUGAR DESERTO

Na época em que construí a casa de campo, tive que dormir no vale por vários dias seguidos, indo ao Castelo uma vez por mês para checar minhas instalações, buscar pólvora e algum outro suprimento. Numa dessas idas, tive um choque emocional. Reparei que, ao lado da entrada da caverna, abaixo do teto de uma pequena tenda de taquara que eu havia improvisado com lona e sacos, tinham nascido, e agora balançavam levemente ao sabor da brisa, pequenos brotos de trigo, milho e arroz.

— Milagre! — gritei. — Milagre!

Minha voz saiu potente, espalhando-se por toda a praia. Caí de joelhos em frente aos pequenos “triguinhos”. Minhas provisões de pão tinham terminado havia muito tempo, por isso fiquei tão feliz em ver aqueles vegetais brotando na terra. Poderia multiplicar aquelas plantas, espalhar suas sementes e, dentro de algum tempo, estaria produzindo meu próprio alimento. Agradei aos céus pelo milagre que eu testemunhava.

Quando percebi que a terra em volta daquelas plantinhas estava seca, levantei-me bruscamente para buscar água e acabei batendo a cabeça no telhado da tenda, quebrando uma de sua taquaras e fazendo cair dois sacos que lhe serviam de telhado. Examinei um deles, era um saco de ração para galinhas. No outro notei que havia umas poucas sementes de trigo que haviam caído do saco e, por conta da natureza, **GERMINARAM** sozinhas. “Como fui burro”, pensei, “só um tolo acha que o desconhecido é milagre.” E voltei a falar mal de Deus, de mim mesmo e de minha situação de náufrago.

Quando anoiteceu, arrependi-me da **BLASFÊMIA** e considerei obra da Providência Divina o fato de aquelas sementes terem **VINGADO AO LÉU**. Na manhã do dia seguinte, agradei ao Fazendeiro do lugar deserto pelo pão que me ofertara e fiz as pazes com Deus.

Fui aos poucos aumentando a área plantada e aprendendo quais eram os melhores meses para o plantio. As terras da casa de campo eram virgens e férteis e em dois anos eu já havia feito duas colheitas de milho e uma de arroz. Essas colheitas iniciais permitiram que eu produzisse sementes em quantidade suficiente para semear uma grande área e colher alimentos com mais **CONSISTÊNCIA** no futuro. Usando a demorada técnica da aprendizagem por tentativa e

- 👉 **GERMINARAM:** nasceram, começaram a crescer
- 👉 **BLASFÊMIA:** ofensa a uma divindade ou religião
- 👉 **VINGADO AO LÉU:** conseguido se desenvolver
- 👉 **AO LÉU:** ao acaso, sem querer
- 👉 **CONSISTÊNCIA:** constância, firmeza



erro, aprendi a fazer passas, secando ao sol as uvas silvestres da casa de campo. Para carregar todos esses produtos, aprendi a fazer cestas de palha com folhas de coqueiro e com um tipo de vime que crescia na região da casa de campo.

O tempo passava e minha plantação se **ALASTRAVA** pela ilha, assim como barba em minha face. Às vezes eu olhava minha imagem refletida em poças d'água e ficava espantado. Como eu estava diferente do europeu de 19 anos que havia deixado a Inglaterra havia mais de dez anos. Já estava na ilha havia quase quatro anos e os efeitos do sol e da chuva, do trabalho manual e forçado já deixavam marcas no meu rosto. Durante esses primeiros anos, mantive um diário contando minhas aventuras e **DESVENTURAS** naquela ilha que era minha prisão e meu paraíso. Quando a tinta acabou, guardei o diário, mas o relia quando tinha saudade de alguma coisa.

Nele registrei, por exemplo, minha guerra contra os inimigos da colheita. Perto de minha primeira grande colheita de milho, quando as espigas começavam a amarelar, minha plantação foi atacada pelas cabras selvagens. Consegui matar duas a tiros, mas as outras fugiram. Resolvi deixar meu cachorro guardando a plantação, pois seria muito difícil cercá-la antes da colheita. Quando pensava que minha medida tinha dado certo, a plantação foi atacada por um bando de pássaros de apetite **VORAZ**. Matei vários com minhas armas, mas eles eram muitos e bicariam toda minha produção antes que eu conseguisse **EXTERMINÁ-LOS**. Por isso criei espantalhos, mas eles não se assustaram e **DEFECARAM** sobre os meus bonecos. Isso me irritou muito; decidi matar alguns deles e espetá-los em altas varas por toda a plantação. O fedor dos bichos mortos e o visual **DANTESCO** do milharal finalmente **AFUGENTOU** meus inimigos.

O clima da ilha era quente, mas de abril a junho e de agosto a outubro chovia muito. Infelizmente aprendi isso na **MARRA**. Cortando madeira na chuva, peguei uma gripe muito séria, que me deixou de cama por um mês. Nesse período, tive muita febre — suave muito por todos os **POROS** e minha cabeça ardia de calor, para no momento seguinte tremer de frio.

- 🐞 **ALASTRAVA**: espalhava
- 🐞 **DESVENTURA**: desgraça, infelicidade
- 🐞 **VORAZ**: que devora
- 🐞 **EXTERMINÁ-LOS**: aniquilá-los, destruí-los, matá-los
- 🐞 **DEFECARAM**: expeliram fezes
- 🐞 **DANTESCO**: semelhante às cenas terríveis do inferno do livro “A Divina Comédia”, de Dante Alighieri
- 🐞 **AFUGENTAR**: fazer desaparecer
- 🐞 **MARRA**: a contragosto
- 🐞 **PORO**: cada um dos pequenos orifícios da pele



Capítulo 9

FUGA PARA LUGAR NENHUM

Quando melhorei da doença, jurei a mim mesmo que sairia da ilha. A febre me mostrara que eu morreria lá se insistisse em desafiar a natureza sozinho. Poderia pegar uma doença mais grave, poderia cair e quebrar uma perna ou ser picado por uma cobra. Além disso, eu já tinha quase 30 anos e, à medida que envelhecesse, ficaria mais difícil cuidar da plantação e dos rebanhos sozinho. Outra preocupação que eu tinha era a de esquecer as noções de sociedade, esquecer palavras da minha língua e ser condenado por Deus, já que não frequentava mais nenhuma igreja.

Por isso decidi construir um barco. Escolhi a maior árvore da ilha e derrubei-a. Resolvi fazer um canoão, nos moldes das canoas dos índios brasileiros. Fiz um trabalho de mestre escavando o interior do tronco, cuidando para que ficasse nivelado e tivesse espaço para dormir. Levei um ano construindo o pequeno navio. Quando acabei, estava orgulhoso do meu feito.

Porém, um pequeno detalhe ainda me afastava do mar. Na **ÂNSIA** de escolher a melhor árvore da ilha, afastei-me muito do oceano. Meu barco estava a um quilômetro da praia, no meio da floresta. Para resolver esse problema, tentei diversas soluções: fiz alavancas de madeira para tentar deslocar o barco, limpei toda a área, do barco até o mar, construindo uma espécie de estrada por onde espalhei troncos para que o barco deslizasse até o oceano e, por fim, construí uma enghoca de madeira e cordas para içar o barco e então fazer com que seu deslize sobre os troncos roliços fosse facilitado. Mas todas essas tentativas fracassaram devido ao peso excessivo da embarcação, à fragilidade da madeira e à minha estupidez como inventor. Pensei então: “Se o barco não vai até o mar, o mar vai até o barco”, e comecei a cavar na minha estrada um canal que ligasse meu barco ao oceano.

Cavei muito. No sol, na chuva, nas noites de lua cheia. Meus braços **ENRIJECERAM**, minhas mãos ficaram cheias de calos e perdi muito peso. Comecei fazendo um caminho na areia (por ser mais fofa). Tinha avançado uns dez metros em um mês quando a maré subiu muito à noite e tapou novamente com areia quase todo meu trabalho. Fiquei furioso e, após uma forte chuva, comecei a cavar a lama perto do navio. Cavei durante seis meses e avancei pouco mais de 100 metros, mas tive que abandonar aquela ideia quando minha pá encontrou um **EXTENSO** bloco de rocha enterrado numa profundi-

- 🐞 **ÂNSIA**: angústia, aflição
- 🐞 **ENRIJECERAM**: tornaram-se fortes, robustos
- 🐞 **EXTENSO**: comprido, longo



dade rasa e estendendo-se quase até a praia. Demoli minha pá nele, tamanha era minha raiva. Minha vontade era de explodi-lo, mas precisava poupar munição para caçar e me sentir seguro. Por isso, dois anos depois de ter começado, abandonei a minha ideia de fuga para lugar nenhum.

Começava a me conformar com a possibilidade de nunca mais sair daquela ilha, de nunca mais voltar para a Inglaterra.

Capítulo 10

NAVEGANDO NOVAMENTE

Se, por um lado, eu não tinha as facilidades da vida agitada de Londres, por outro, eu vivia como um rei no meu próprio império.

Contudo, a solidão me incomodava muito. Com o passar do tempo, meu cachorro morreu e fiquei muito triste. Lembro-me de ter cuidado com carinho dele quando estava doente e de o enterrar numa manhã de chuva, com uma salva de tiros.

A morte de meu cão me fez querer partir da ilha novamente. Construí uma pequena canoa em tempo recorde, sem me importar com mais nada, e em um mês me lancei ao mar. Tinha um mínimo de provisões, mas não iria longe. Meu objetivo era contornar a ilha para testar a canoa e ganhar alguma prática como navegador, afinal, já não me aventurava nos mares desde meu naufrágio, havia nove anos.

Saí bem cedo, numa linda manhã de sábado, e a canoa me pareceu bastante rápida e fácil de manobrar. Com uma hora de navegação, já estava dobrando uma das pontas da ilha, quando percebi que a canoa não era assim tão rápida. O que a deixava veloz era uma corrente marinha que a empurrava naquela direção e, agora, a afastava da ilha. Fiquei muito assustado quando percebi que meu reino estava ficando para trás e comecei a lutar muito contra o mar para poder voltar. Uma hora depois, desisti de tentar voltar para o Castelo e remei em direção ao outro lado da ilha, na **DIAGONAL** da corrente marinha. Assim, no fim do dia cheguei à bela praia do outro lado. Estava muito cansado e tenso. Dormi dentro da canoa. No outro dia, escondi-a no mato e fui até a casa de campo. Prometi a mim mesmo não me aventurar mais no mar. Tinha aprendido que muitas vezes desejamos hoje o que temeremos amanhã.

Pouco tempo depois disso, **DOMESTIQUEI** uma das cabras, que acabou se tornando uma grande amiga, seguindo-me para todos os cantos. Também con-

 **DIAGONAL:** em direção oblíqua
 **DOMESTIQUEI:** amansei, domei



segui pegar um pequeno papagaio no ninho, e o criei como animal de estimação. Meu objetivo era fazer com que ele aprendesse algumas palavras para se comunicar comigo. Felizmente Poll, como resolvi chamá-lo, transformou-se numa alegre companhia e consegui **AMENIZAR** a falta que meu cachorro fazia.

Capítulo 11 A PEGADA

Um dia, fui passear na praia do outro lado da ilha. Queria ver como estava a pequena canoa que escondera lá. Aliás, decidi ter um pequeno bote escondido em cada praia, para facilitar minha locomoção. De repente vi, parada em minha frente, uma pegada humana. Os dedos iam em direção ao mar. Fiquei assustado.

Primeiro pensei que pudesse ser a pegada de algum europeu, de algum marinheiro que poderia me salvar. Depois lembrei que se fosse civilizado, estaria usando botas, e um calafrio subiu pela minha coluna. Era pegada de selvagens, de canibais. Será que eles estavam na ilha? O que eles estariam fazendo nos meus domínios?

Essas dúvidas martelaram minha cabeça durante meses. Por conta delas, eu redobrei a vigilância na praia. Escondi armas e cabras em pontos estratégicos e me preparei para o pior, instalando mosquetes nas paredes da paliçada. Durante essa fase aprendi que ter medo de algum perigo é muito mais perigoso do que o perigo propriamente dito. Se a situação de perigo vai ocorrer, digamos, dali a 30 dias, não devemos temê-la hoje, caso contrário teremos 30 dias de medo e perigo em vez de apenas um. Por isso, relaxei e voltei a curtir as belezas naturais de meu paraíso, até que um dia o perigo chegou.

Já fazia 18 anos que eu chegara à ilha. Estava com 45 anos de idade. Estava numa fase de **VASCULHAR** recantos remotos da ilha, localidades onde nunca tinha estado. Observava uma flor de cor laranja muito viva quando ouvi gritos. Meus sentidos ficaram alertas e me dirigi para o local de onde vinha o som. Cheguei até a praia e, da mata, fiquei espiando a cena final de um espetáculo **HORRENDO**. Uma pequena canoa se afastava da praia, enquanto na areia **JAZIAM** espalhadas mãos, pés, ossos e crânios humanos. Havia também muito sangue manchando a areia, restos de uma fogueira e um círculo cavado no solo, que eu supus servir de mesa para o banquete **ANTROPOFÁGICO** dos canibais.

- 👁️ **AMENIZAR:** tornar menos difícil, mais ameno
- 👁️ **VASCULHAR:** procurar, investigar
- 👁️ **HORRENDO:** medonho, horrível
- 👁️ **JAZIAM:** ficavam estendidos no chão
- 👁️ **ANTROPOFÁGICO:** próprio de quem come carne humana



Vomitei muito ao imaginar a cena de violência e primitivismo e corri alucinadamente para a segurança de meu castelo. Parecia que cada sombra vista, cada galho que raspava em mim, cada graveto em que eu pisava era um canibal à minha **ESPREITA**.

Depois me acalmei e preferi pensar que as visitas dos canibais estavam **VINCULADAS** a um ritual de morte. Com otimismo, pensei que os selvagens vinham à ilha apenas para matar e comer; nunca a explorariam e se restringiriam à orla.

O tempo foi passando e os canibais não apareceram, pelo menos na minha frente. Com isso, fui relaxando e decidi que, aos olhos de Deus, não poderia matar ninguém. Não tinha o direito de fazer justiça com as próprias mãos. A ilha era parte da natureza e não minha. Quando eu morresse, ela permaneceria. E os selvagens faziam um ritual que, de acordo com as suas leis, não era crime. Eles se alimentavam do prisioneiro como eu me alimentava de cabras, porcos-do-mato, pombos silvestres e tartarugas marinhas. Portanto achei melhor não interferir caso eles aparecessem novamente.

Mas voltei a tomar cuidados, como não fazer fogueiras grandes cuja fumaça pudesse ser vista muito longe, porém o tempo passaria novamente levando com ele meu pânico.

Capítulo 12

O ATAQUE

Segui minha vida, economizando pólvora e tramando na cabeça um plano para me defender dos selvagens quando eles voltassem ao meu território. Depois de fazer e refazer mentalmente diversos planos, abandonei todos eles, pois o destino é sempre **IMPREVISÍVEL**. Decidi que ficaria escondido na mata e que lutaria como se fosse a última vez. Se possível, eu faria um prisioneiro, de preferência um dos que seriam mortos pelos canibais, porque então ele poderia ser-me grato por salvar sua vida e ficar meu amigo. Fora sua companhia, gostaria que ele tivesse informações sobre outras terras além da ilha e algum conhecimento sobre os ventos e as fortes correntes marítimas da região.

Cerca de um ano e meio após o incidente da fogueira, avistei cinco canoas chegando ao meu território. Eram 30 selvagens. Já não aguentava a angústia de viver inquieto, tendo frequentes pesadelos com os canibais. Precisava enfrentá-los.

-  **ESPREITA:** observação, vigia
-  **VINCULADA:** fortemente ligada
-  **IMPREVISÍVEL:** que não se pode prever



Conhecedor de todo o meu território, **ESGUEIREI-ME** pela floresta e cheguei perto dos invasores para observá-los. Os canibais conduziam dois prisioneiros. O primeiro foi golpeado pelas costas e **DEGOLADO SUMARIAMENTE**. Enquanto os índios vibravam com a execução, o outro aproveitou para fugir. A criatura corria muito, literalmente como um condenado. Seus cabelos negros sacudiam e ele vinha na minha direção. Dois canibais estavam em seu **ENCALÇO**. Quando entraram na mata, abaixei-me e deixei que passassem por mim. Depois, atirei com duas das quatro armas que tinha e matei os dois perseguidores. A criatura começou a me **REVERENCIAR**, mas eu estava muito preocupado com a reação do restante do bando. Escondemo-nos na mata. Logo dois índios entraram na selva e viram os corpos de seus companheiros. Colocaram o dedo em seus ferimentos e cheiraram. Um dos atingidos ainda estava vivo e fez gestos, imagino, dizendo ter sido alvejado por algum espírito da floresta. Os outros saíram correndo aos gritos. Espiei por entre as folhas e os vi já no mar, remando com força em suas cinco canoas.

Capítulo 13 SEXTA-FEIRA

Como previra, a criatura ficou muito grata por eu ter salvo sua vida e fomos ficando amigos. Sempre me lembro com humor de nosso primeiro diálogo.

— Criatura, vou lhe dar um nome. E lhe ensinar sobre Deus. Você vai virar cristão e abandonar seus hábitos primitivos. Como lhe salvei numa Sexta-Feira, este será seu nome: Sexta-Feira! Entendeu?

Mas a criatura não respondia. Ficava na minha frente, olhando meus movimentos com medo e olhos assustados. Eu insistia apontando para ele:

— Você, Sexta-Feira. Eu, Mestre.

Ele repetia tudo exatamente como eu dizia:

— Você, Sexta-Feira. Eu, Mestre.

Por meio da repetição e de algumas bordoadas, Sexta-Feira aprendeu seu nome e muitas outras coisas.

Em um ano, Sexta-Feira aprendeu a falar inglês de forma razoável. Ele me contou que estávamos perto do continente, onde vivia sua tribo e a tribo dos índios que iriam devorá-lo quando o salvei. Sexta-Feira me disse que faziam

- 👁️ **ESGUEIREI-ME**: fugi desviando
- 👁️ **DEGOLADO**: decapitado
- 👁️ **SUMARIAMENTE**: rapidamente
- 👁️ **ENCALÇO**: pista, pegada
- 👁️ **REVERENCIAR**: venerar, honrar, adorar



umas trinta luas haviam aparecido em sua tribo pessoas brancas e barbudas como eu. Tinham vindo do mar, mas falavam de modo diferente de mim. “Eram espanhóis”, pensei. Tinham naufragado na costa e os índios, por alguma razão, pouparam suas vidas. Sexta-Feira me disse que eles lutavam ao lado de sua tribo contra os inimigos.

À medida que Sexta-Feira fazia progressos no inglês, nossas conversas se tornavam mais densas. Falávamos sobre religião e eu tentava cristianizá-lo:

— Na sua tribo, vocês acreditam em Deus, Sexta-Feira?

— O que ser Deus?

— Deus é a força máxima do Universo, o criador de todas as coisas — disse a ele, enquanto apontava para o céu.

Ele me disse, com alguma dificuldade para encontrar palavras e usando muito o auxílio de gestos, que Deus estava em todas as coisas. Eu já ia concordando com ele quando ele apontou para uma cabra e disse que ela era um deus para ele. Depois pegou uma banana, abriu e comeu. Com a boca cheia disse estar com a boca cheia de Deus.

Não aguentei tamanha blasfêmia e bati-lhe na cara.

— Deus não pode ser uma banana! Deus é maior do que tudo!

— Se Ele ser maior do que tudo, por que Ele não vencer o mal? Por que Ele não matar Diabo?

— Você não entende porque é um índio, um ser inferior. Não foi batizado e nunca esteve próximo de Deus. Se você fosse civilizado, saberia que Deus não “mata” o Diabo. Primeiro, porque Deus é bom. E depois, Ele acredita na **REGENERAÇÃO**, crê que todos merecem uma segunda chance e podem ser salvos. Por isso ele mandou seu filho para a Terra, para nos ensinar. Por isso nós, europeus, viemos ao **NOVO MUNDO** para **PROPAGAR** a vontade e a palavra de Deus. Ou você acha que eu salvei sua vida à toa?

Minha **VERBORRAGIA** foi tamanha que Sexta-Feira não discutiu mais. Apenas baixou a cabeça e, quem sabe se lembrando do dia em que eu o salvei, sorriu para mim.

Ele era jovem, alto e forte. Deveria ter uns 26 anos e muita vitalidade e disposição para o trabalho. Também era muito esperto e leal. Ensinei-lhe a manusear os armamentos e ele virou um exímio atirador, muito útil nas caçadas. Sexta aprendeu com rapidez a trabalhar na agricultura e a lidar com madeira, pregos e martelos. Construímos cômodos para ele na casa de campo e no Castelo, e com muita paciência o convenci a usar roupas:

-  **REGENERAÇÃO:** restauração, correção
-  **NOVO MUNDO:** as Américas
-  **PROPAGAR:** difundir, espalhar
-  **VERBORRAGIA:** eloquência, falatório





— Sexta, você precisa se vestir. Cubra suas **VERGONHAS**. Não pode andar pelado por aí!

— Por que não?

— Por que Deus não gosta.

— Mas por que afinal Ele não gostar?

— Você deveria ter vergonha de andar nu na frente das pessoas e na frente de quem lhe fez.

— Eu não entendo. Se Ele me fez, já saber como eu é. Ele já conhecer meus vergonhas! E as outras pessoas têm lá embaixo coisas parecidas com as de seus semelhantes!

Ordenei a Sexta-feira que comesse uma pequena pimenta ardida que crescia na ilha. Assim talvez se arrependesse dos **IMPROPÉRIOS** que dizia.

Quando ele já havia progredido um pouco mais no inglês, resolvi lhe falar sobre as belezas da Inglaterra. Fiz com que aprendesse o hino e um pouco da história do povo bretão.

— A Inglaterra é muito mais evoluída que esta ilha tropical, Sexta-Feira.

— Evoluída como, Mestre?

— Ah, meu caro. Enquanto aqui na ilha há a banana, na Inglaterra nós temos o carvão! Que coisa magnífica é o carvão.

— Hum, deve ser muito gostoso o carvão, né, Mestre?

— Gostoso? É... é muito gostoso sentar em frente dele enquanto ele crepita e a neve cai lá fora.

— Crepita? — perguntou Sexta-Feira, que não conhecia aquela palavra.

— É, crepita. Arde, queima, como o fogo.

— Então pessoas não podem comer carvão, Mestre?

— É claro que não. O carvão é um mineral usado como combustível. A Inglaterra é muito fria. Precisamos nos aquecer.

— Eu não gosto de frio. Brrrrr, brrrrr. Frio deixa Sexta-Feira doente. Prefiro a ilha, que é sempre quentinha. Sexta-Feira preferir banana que Sexta-Feira comer.

E assim, com diálogos calorosos, ficamos muito amigos e passamos três anos muito felizes na ilha.

Capítulo 14

BATALHA CONTRA OS CANIBAIS

Celebrei 27 anos na ilha com um **LAUTO** jantar em que Sexta-Feira e eu pudemos comer arroz, pão de milho, banana assada, ensopado de

-  **VERGONHAS:** partes íntimas
-  **IMPROPÉRIO:** injúria, palavra ofensiva
-  **LAUTO:** suntuoso, abundante

tartaruga e churrasco de cabra. Bebemos suco de uva e comemos passas de sobremesa. Alguns dias depois, Sexta-Feira entrou correndo em meu quarto e me acordou com fortes sacudidas.

— Eles voltar. Os selvagens inimigos voltar na ilha.

Meus olhos se arregalaram e minhas mãos foram em busca dos velhos mosquetes e espingardas. Observei a praia. A manhã estava nublada e o céu, carregado. Com a luneta, vi descer de três canoas um grupo de selvagens com dois prisioneiros. Como Sexta-Feira estivesse em pânico, dei-lhe um pouco de rum de minha última garrafa e o muni com pistolas, mosquetes e espingardas. Os canibais **ESCOLTAVAM** dois homens brancos e barbudos. Sexta-Feira me disse que conhecia aqueles dois europeus. Disse que viviam na tribo dele havia alguns anos e não tinham sido mortos nem **DEGLUTIDOS** pois se propuseram a lutar ao lado da tribo de Sexta-Feira contra seus inimigos.

Quando nos aproximamos do local onde estavam os selvagens, eles já estavam enterrando seus dentes na carne branca de um dos prisioneiros. Com a ira fervendo em meu sangue, abri fogo contra os miseráveis. Sexta-Feira fez o mesmo e, com a ajuda de várias armas, disparamos várias vezes contra os indígenas. A maioria deles correu ao ver os colegas caírem mortos e, no meio do tiroteio, um dos prisioneiros conseguiu se libertar e se juntou a nós. Ele tinha boa pontaria e conseguiu alvejar três canibais. Outros quatro selvagens foram mortos pela frieza do meu velho facão.

O restante de nossos inimigos partiu em duas das três canoas em que tinham vindo. Sexta-Feira correu para a terceira canoa e encontrou um velho índio amarrado e amordaçado. Quando Sexta-Feira botou os olhos nele, começou a tremer e depois o abraçou com força. Era seu pai, que havia sido capturado pelos canibais e teria virado banquete deles, não fosse nossa intervenção.

Capítulo 15

O CASTELO, SEU REI E SEUS SÚDITOS

Queimamos os corpos dos selvagens e enterramos o barbudo. O outro prisioneiro era espanhol e ficou muito grato pela nossa ajuda. Durante o jantar, conversamos muito e rimos por termos vencido a batalha e por estarmos vivos. Eu estava feliz porque meu reino começava a ser povoado.

Quando mostrei ao espanhol todos os recursos de que dispunha em minha ilha, ele ficou muito surpreso e me perguntou se havia a possibilidade de eu aceitá-lo na ilha. Concordei. Já tinha se passado metade de minha vida, e



ESCOLTAVAM: acompanhavam



DEGLUTIDO: digerido, comida





pensei que o fato de ter desbravado e colonizado uma ilha, preparando-a para receber outras pessoas, era uma forma de **DIGNIFICAR** minha existência.

Porém, para receber mais pessoas, era preciso aumentar os estoques de cereais, o rebanho de cabras e a produção de leite. Trabalhamos alguns meses nisso, e depois decidi que era tempo de mandar o espanhol e o pai de Sexta-Feira para o continente a fim de buscar os outros europeus que lá estavam.

Poucos dias depois da saída do espanhol e do pai de Sexta-Feira, avistamos um veleiro ancorado ao sul da praia do Castelo. A princípio, Sexta-Feira pensou que era seu pai e o espanhol que tinham voltado, mas eu logo reconheci a bandeira inglesa tremulando no mastro principal e fiquei **AFOITO**.

Quando chegaram à praia, percebi que eram todos europeus, mas que três deles estavam amarrados. Estava claro para mim que aqueles homens amarrados seriam cruelmente executados pelos outros, sem direito à justiça. Na condição de soberano e governante máximo da ilha que salvara a minha vida e que me mantivera vivo por 27 anos, resolvi interferir.

Na praia os marujos se separaram. Quatro deles seguiram para o rio, certamente para renovar os estoques de água doce do barco. Os outros dois ficaram vigiando os presos. Eu e Sexta observávamos tudo escondidos na mata. Os presos estavam amarrados ao sol e seus vigias bebiam rum na sombra. Depois de meia hora, eles se deitaram e adormeceram. Aproveitei para lhes tomar as armas e me aproximar dos prisioneiros, perguntando em voz baixa:

— O que está acontecendo aqui?

Surpreso com a minha figura de longos cabelos, barbas cinzas e roupas de peles de animais, um deles respondeu:

— Sou o capitão daquele navio. Somos ingleses e parte da nossa tripulação se **AMOTINOU**. Por favor, ajude-nos, senhor.

— Também sou inglês e vocês estão em meu pequeno reino. Naufraguei aqui há muito tempo, mas quero voltar para a Inglaterra. Ajudarei vocês caso você me dê sua palavra, capitão. Prometa que respeitará minha autoridade nesta ilha e que dará passagem grátis para a Inglaterra a mim e a meu amigo Sexta-Feira.

— Eu prometo senhor, eu prometo. O senhor tem minha palavra. Agora corte estas cordas, por favor.

Libertei-os e logo dominamos os dois que estavam dormindo. Depois, escondemo-nos no mato e, quando os outros chegaram, os dominamos de

-  **DIGNIFICAR:** tornar digno
-  **AFOITO:** apressado
-  **AMOTINOU:** revoltou

surpresa. Cinco deles passaram para o nosso lado e aprisionamos o sexto, que era amigo do líder do **MOTIM**.

No dia seguinte, o capitão pegou os botes e rumou para o navio. Vários homens que tinham se arrependido lhe juraram fidelidade e o seguiram. Eu fiquei no meu Castelo, esperando que ele retomasse o veleiro. Durante a madrugada ouvi tiros de canhão vindos do navio. Era o sinal combinado. O capitão conseguira matar o líder do motim e reconquistar seu navio, e eu poderia voltar para casa.

Capítulo 16 DE VOLTA PARA CASA

Gostaria de ter esperado a volta do espanhol e do pai de Sexta-Feira, mas o capitão tinha muitas mercadorias para entregar e já estava atrasado. Assim, escrevi uma carta aos dois pedindo desculpas. Também pedi ao capitão que desse uma chance aos amotinados: em vez de levá-los até a Inglaterra, onde morreriam na forca, por que não deixá-los na ilha, onde passariam por muitos trabalhos e teriam que aprender a ajudar uns aos outros se quisessem viver. A natureza se encarregaria de corrigi-los. Tive o cuidado de explicar e mostrar como funcionava os sistemas de produção da ilha e todos os seus recursos. Impus, porém, uma condição: teriam que respeitar o espanhol e seus homens, que deveriam chegar à ilha em breve.

Partimos em direção à Inglaterra. Ao fim de uma viagem tranquila, pus meus pés em solo britânico, 35 anos após deixá-la contrariando a vontade de meus pais para me aventurar pelo mundo. Em solo inglês, descobri que meus pais tinham morrido muito tempo atrás, mas eu tinha agora duas irmãs mais novas que meus pais “havia feito” para suprir a minha ausência.

Com o dinheiro que guardara do naufrágio, pude começar uma nova vida. Fui até Lisboa, onde procurei encontrar o capitão português que salvara minha vida na costa da África. Ele estava vivo e muito idoso. Contei-lhe sobre meus últimos anos; ele ficou muito emocionado. Depois, para minha surpresa, disse que meus sócios no Brasil tinham prosperado com a fazenda e se sentiam culpados por terem me deixado ir no navio negreiro para buscar escravos na África. Por isso conservavam em um banco todos os lucros que me pertenciam, caso algum herdeiro viesse a reclamar o tesouro (pois pensavam que eu tinha morrido). Pensei em voltar ao Brasil, mas não gostaria de viver em um país com religião, língua e costumes diferentes. Desse modo, resolvi vender minha parte da fazenda. Dei parte de minha riqueza ao bom capitão português e



MOTIM: revolta





parte às minhas irmãs e, vejam só, aos 54 anos, casei-me e tive três filhos. Sexta-Feira manteve-se ao meu lado como um fiel companheiro. Quando minha esposa faleceu, fiz uma viagem para o Novo Mundo. A Inglaterra era muito diferente do país que eu havia deixado anos antes e, sem minha mulher amada, tudo ficava sem sentido. Tinha muita saudade de minha ilha e resolvi visitá-la com meu sobrinho favorito.

Com muita emoção, revi o espanhol e o pai de Sexta-Feira. Os espanhóis viviam em uma parte da ilha e os ex-amotinados ingleses, em outra, para não brigarem. Fiquei 20 dias na ilha e depois fui ao Brasil, onde comprei um carregamento de comida, animais e ferramentas para levar à ilha — consegui levar também algumas mulheres, que mais tarde se casariam com os espanhóis e ingleses.

Visitei a ilha por uma década, sempre levando benefícios àquela gente. Dividi a terra em partes iguais para cada colono, e eu continuava a ter posse sobre toda a ilha. Minhas retinas se enchiam de brilho vendo as crianças correndo por aquele território onde eu vivera por quase 28 anos.

Vários fatos curiosos e interessantes aconteceram nesse período, como a invasão da ilha por 300 canoas cheias de canibais que destruíram as plantações. Fatos que merecem relato para demonstrar a força da fé e da **PERSEVERANÇA** do ser humano, já que meus **ILHÉUS** conseguiram dar a volta por cima. Mas tudo isso contarei em um futuro livro.

- 📖 **PERSEVERANÇA:** persistência, constância
- 📖 **ILHÉU:** habitante de uma ilha

ROTEIRO DE LEITURA

- 1) Em que século se passa a história? Em que ano e onde nasceu Robinson Crusóé?
- 2) O que aconteceu a Robinson Crusóé por ter desobedecido aos seus pais?
- 3) Crusóé vendeu Xury ao capitão português. O que você achou da atitude dele? Você faria o mesmo?
- 4) Que tipo de cultura Robinson Crusóé plantava em sua fazenda no Brasil? Ele pagava pelo serviço de seus empregados? Peça ajuda ao seu professor de História para responder a essa pergunta.
- 5) Por que Crusóé foi várias vezes ao navio naufragado?
- 6) Por que Crusóé queria subir no monte mais alto da ilha?
- 7) O que aconteceu com a primeira canoa que ele construiu?
- 8) Na ilha, Crusóé comeu carne de pombo, tartaruga, porco-do-mato e cabra. Você já comeu algum desses alimentos? Se você estivesse na situação dele, comeria essas carnes?
- 9) Como Crusóé fez para criar um rebanho de cabras?
- 10) Você acha que Crusóé era mais feliz na ilha ou no mundo civilizado? Explique por que você pensa dessa forma.
- 11) Você acha que Crusóé tinha uma postura ecológica em relação à natureza de sua ilha? Ele fazia alguma coisa para preservar o meio ambiente? O que você faria se fosse ele? Discuta esse assunto com seus colegas.
- 12) Discuta a questão 11 com seus colegas.
- 13) Faça um mapa (você pode usar papel vegetal) mostrando os percursos de todas as viagens de Robinson Crusóé. Se quiser, pode pedir ajuda ao professor de Geografia para orientá-lo nessa tarefa.
- 14) Por que Robinson Crusóé chamava o índio de “criatura”? Por que ele o batizou de Sexta-Feira?
- 15) Você gostaria de ser chamado de Sexta-Feira? Por quê? Por que Crusóé não deu um nome comum ao índio?



16) Escreva o significado das palavras abaixo com suas próprias palavras:

estibordo _____

espessas _____

17) Que trecho do livro mais o(a) impressionou? Por quê?

18) Se você fosse Robinson Crusóé, voltaria para a Inglaterra ou ficaria na ilha?

19) Se você fosse Sexta-Feira, iria para a Inglaterra ou ficaria na ilha?

20) Escolha um dos diálogos do livro e, com um colega, dramatize e apresente essa cena para o restante da turma.



AS AVENTURAS DE ROBINSON CRUSOÉ

Daniel Defoe

BIOGRAFIA DO AUTOR

Daniel Defoe começou a escrever as aventuras de Robinson Crusóe quando já tinha 58 anos e uma bagagem de experiências que muitas pessoas não conseguiriam nem se vivessem 200 anos. Em períodos diversos de sua vida, Defoe foi mercador, industrial, corretor de seguros para navios, presidiário, soldado, espião, fugitivo, porta-voz de políticos e, é claro, escritor.

Especula-se que sua infância tenha sido muito religiosa devido às crenças da família, elemento visível em seus textos, nos quais os personagens fazem seguidas menções à interferência divina em seus destinos.

Defoe não pôde estudar em Oxford nem em Cambridge, as maiores universidades da Inglaterra, seus pais o mandaram para escolas mantidas por sua própria igreja. Nelas, ele estudou grego, latim e inglês e aprendeu a escrever com um estilo que lembrava a Bíblia. Embora membros da igreja e familiares quisessem que ele seguisse uma carreira religiosa, Defoe se tornou um comerciante e por mais de dez anos comprou e vendeu panos, vinhos, tabaco e ostras. Ele amava o comércio e escreveu ensaios e artigos econômicos avançados para seu tempo. Pena que não seguisse suas teorias. Na prática, Defoe era muito desonesto nos negócios (chegou a ser processado oito vezes), passando para trás sua própria madrastra, num negócio envolvendo 400 libras e uma ninhada de gatos.

Além do mau-caráter, Defoe tinha azar em seus acordos financeiros e julgava imprudentemente pessoas com quem negociava, por isso muitas vezes ficava sem receber dinheiro de seus devedores.

Sua vida amorosa também foi marcada por problemas. Apesar de ter escrito vários tratados que davam a entender que ele era um perito em relações familiares, seu casamento com Mary Tuffley não pode ser considerado um modelo de paraíso matrimonial. Eles viveram juntos por 47 anos e tiveram oito filhos, mas a instabilidade econômica, suas longas viagens ao exterior e suas fugas de inimigos e credores minaram a paciência da esposa. Assim, mesmo amando profundamente seus filhos, Defoe teve que transferir as responsabilidades de pai para amigos e parentes.



Quando trabalhava no ramo de seguros náuticos, Defoe foi à falência, pois as marinhas francesa e inglesa entraram em guerra. Novamente Defoe fugiu e levou dez anos até poder pagar parte do que devia. Mas essas dívidas o perseguiram até o fim da vida.

Defoe lutou na revolta que depôs o rei católico James II e levou ao trono Guilherme de Orange, homem de quem foi conselheiro, encarregado de relações públicas e guarda de honra. Com o apoio desse rei, Defoe conseguiu um perdão estatal para suas dívidas, mas não demoraria muito para sua indústria de tijolos ir à bancarrota. Mais uma vez ele foi preso. Dessa vez seu amigo, o conde de Oxford, pagou mil libras e o libertou da prisão. Livre, Defoe montou seu próprio jornal, *The Review* (A Resenha), onde expunha suas ideias e colecionava problemas e inimigos. Em 1715, após nova prisão (desta vez por calúnia), ele continuou a editar jornais, mas clandestinamente, à medida que trabalhava em seus livros *Robinson Crusoé* e *Moll Flanders*. Ele morreu em 1731, na miséria, mas lutando contra tudo que achava errado e injusto na sociedade.

Especula-se que as aventuras de Robinson Crusoé sejam inspiradas na história real de um marinheiro escocês que viveu isolado por cerca de quatro anos numa ilha caribenha.

